

Millenium, 2(10), 21-30.

pt

A VIVÊNCIA DO CLIMATÉRIO PARA MULHERES SEM FILHOS
THE EXPERIENCE OF THE CLIMACTERIC PERIOD FOR WOMEN WITHOUT CHILDREN
LA VIVENCIA DEL CLIMATERIO PARA MUJERES SIN HIJOS

Fernanda Moerbeck Cardoso Mazzetto¹

Maria José Sanches Marin¹

Maria de Lourdes da Silva Marques Ferreira²

Livia Faria Orso¹

¹ Faculdade de Medicina de Marília, São Paulo, Brasil

² Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São Paulo, Brasil

Fernanda Mazzetto - fmc Mazzetto@famema.br | Maria José Marin - marnadia@terra.com.br | Maria de Lourdes Ferreira - malusa@fmb.unesp.br |
Livia Orso - livia_orso@hotmail.com



Autor Correspondente

Fernanda Mazzetto

Faculdade de Medicina de Marília
Av. Monte Carmelo, 800
CEP 17519-030 Marília - S.P. Brasil
fmc Mazzetto@famema.br

RECEBIDO: 04 de abril de 2019

ACEITE: 29 de maio de 2019

RESUMO

Introdução: O climatério é um período de modificações da função ovariana com alterações psíquicas, endócrinas e somáticas. Essa fase tem sido alvo de poucos estudos e vários tabus por muitos anos.

Objetivos: Compreender a vivência do climatério para as mulheres sem filhos.

Métodos: Estudo descritivo exploratório com abordagem qualitativa. Foram entrevistadas dez mulheres sem filhos, na faixa etária entre 45 e 60 anos, atendidas na rede básica de saúde. A análise dos dados foi fundamentada na Análise Temática.

Resultados: A partir da análise foram construídos os temas: Sentimentos por não serem mães, Motivos da não maternidade e Formas de compensação.

Conclusões: O conhecimento da vivência do climatério pelas mulheres sem filhos permitiu reconhecer e compreender os sentimentos de frustração, impotência e fracasso por não serem mães. O abandono familiar, solidão, a estigmatização e a diminuição do convívio social são manifestações presentes. Entretanto, existem aquelas que optam pela não maternidade, privilegiando a autonomia, vida profissional e instinto materno. Como formas de compensação, substituem a ausência de filhos com dedicação a sobrinhos, estudantes e animais.

Palavras-chave: Climatério; Saúde da mulher; Infertilidade; Identidade de gênero; Feminilidade

ABSTRACT

Introduction: The climacteric period is a phase of modifications in the ovarian function that presents psychic, endocrine and somatic changes. This phase has been the subject of few studies and it has been the target of several taboos for many years.

Objectives: To understand the climacteric experience of women without children.

Methods: Exploratory descriptive study with a qualitative approach. Ten women, without children, attended in the basic health network were interviewed. The analysis of data was based on the Thematic Analysis.

Results: The following themes were developed based on the analysis: Feelings for not being mothers, Reasons for non-maternity and Forms of compensation.

Conclusions: The knowledge on the climacteric experience of women without children made it possible to recognize and understand the feelings of frustration, impotence and failure for not being mothers. Family abandonment, loneliness, stigmatization, and the reduction of social interaction are present manifestations. However, there are those women that opt for non-maternity, privileging autonomy, professional life and maternal instinct. To compensate, they replace the absence of children with dedication to nephews, students and pets.

Keywords: Climacteric period; Women's health; Infertility; Gender identity; Femininity.

RESUMEN

Introducción: El climaterio es un periodo de modificaciones en la función de los ovarios con alteraciones psíquicas, endócrinas y somáticas. Esa fase ha sido objeto de pocos estudios y varios tabús por muchos años.

Objetivos: Comprender la vivencia del climaterio para mujeres sin hijos.

Métodos: Estudio descriptivo exploratorio con abordaje cualitativa. Han sido entrevistadas diez mujeres sin hijos, con edad entre 45 y 60 años, atendidas en la red básica de salud. El análisis de los datos han sido fundamentados en el Análisis Temático.

Resultados: A partir del análisis han sido levantados los temas: Sentimientos por no ser madres; Motivos de la no maternidad y Maneras de compensación.

Conclusiones: El conocimiento de la vivencia del climaterio por las mujeres sin hijos ha permitido reconocer y comprender los sentimientos de frustración, impotencia por no ser madres. El abandono familiar, soledad, la estigmatización y la reducción del convívio familiar son manifestaciones presentes. Mientras tanto, existen aquellas que optan por no ser madre, priorizando su autonomía, vida profesional e instinto materno. Como formas de compensación, sustituyen la ausencia de los hijos dedicándose a los sobrinos, estudiantes y animales.

Palabras Clave: Climaterio; Salud de la mujer; Infertilidad; Identidad de género; Feminilidad.

INTRODUÇÃO

O processo de envelhecimento no Brasil e no mundo representa um fenômeno sem precedentes e de grande magnitude para as esferas sociais, econômica, política, com repercussões significativas especialmente no âmbito familiar e nos serviços de saúde. Importantes rearranjos são necessários para que se possa lidar com essa situação sem comprometimento da qualidade de vida das pessoas que envelhecem. A Organização Mundial de Saúde, considerando como idosas as pessoas com 60 anos ou mais para países em desenvolvimento e com 65 ou mais para os países desenvolvidos, estima que haverá no mundo, em 2050, mais de dois bilhões de idosos no mundo. No Brasil, as estimativas indicam que em 2025 haverá 34 milhões de idosos (Organização das Nações Unidas, 2014).

O processo de envelhecimento, entretanto, não ocorre de forma uniforme, destacando-se, no mundo todo, a feminização da velhice. No Brasil, a expectativa de vida das mulheres, atualmente, é de 72,4 anos. No ano de 2010, a população feminina brasileira totalizava mais de 97 milhões. Nesse contexto, cerca de 33 milhões tinham entre 35 e 65 anos, o que significa que 34,0% das mulheres estavam na fase do climatério (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2011).

A saúde da mulher foi integrada às políticas nacionais no início do século XX e vem se desenvolvendo desde a década de 70, em que o Ministério da Saúde (MS) apresentava a concepção da saúde da mulher, voltada à saúde materna ou à ausência de prejuízos à reprodução. Em 1994, foi lançada pelo MS a Norma de Assistência ao Climatério e, em 1999, a Área Técnica de Saúde da Mulher desse ministério incorporou a atenção à saúde da mulher acima de 50 anos. Em 2003, a área técnica assumiu a decisão política de iniciar ações de saúde às mulheres climatéricas, incluindo, na Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher, Princípios e Diretrizes. No Plano de Ação, o objetivo era implementar a atenção à saúde da mulher no período do climatério e ampliar o acesso, qualificando a atenção com ações e indicadores definidos (Brasil, 2008).

Entretanto, com relação às evidências a respeito das políticas públicas de atenção à saúde da mulher e suas principais vertentes, identificou-se que as políticas e programas procuraram discutir necessidades das mulheres, especialmente no que se refere à violência contra elas, não foram adequadamente implementados. Além disso, os estudos encontrados enfatizam a assistência materno-infantil, a violência contra a mulher, a prevenção de câncer de colo uterino e mama, atenção à mulher portadora do vírus da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida e da mulher indígena (Gomes, Costa Silva, Franco de Sá, & Oliveira, 2017).

Destaca-se, então, a falta de abordagem da mulher climatérica. Trata-se uma fase da vida que se reveste de grande complexidade e que demanda atenção dos profissionais da saúde para que ela possa viver mais e melhor.

Muitas mulheres passam pelo período do climatério de forma natural, sem queixas, sem uso de medicações, enquanto outras apresentam sintomas que variam em sua diversidade e intensidade. Durante esse período, a mulher vivencia mudanças fisiológicas, emocionais, sociais e econômicas, que podem influenciar negativamente as atividades exercidas em seu cotidiano. Quanto às percepções e aos significados atribuídos por essas mulheres sobre o impacto do climatério as atividades cotidianas e aos papéis ocupacionais, observa-se que o preconceito social e o seu desconhecimento sobre as mudanças ocorridas nessa fase constituem impedimento para a realização de diversas atividades, afetando os cuidados necessários com a saúde e prejudicando sua qualidade de vida. Outras mulheres apresentam maior habilidade de adaptação. Evidencia-se a importância da compreensão sobre as mudanças, percepções e significados do climatério pela própria mulher e pelos profissionais da saúde para a assistência integral e valorização de sua individualidade (Cardoso & Camargo, 2015).

Em geral, as mulheres vivenciam essa etapa solitária e silenciosamente, com poucas informações. Por essa razão, considera-se que as intervenções devem valorizar o bem-estar delas com ênfase nos aspectos subjetivos e culturais das queixas (Lorenzi, Catan, Moreira, & Ártico, 2009; Silva Filho & Costa, 2008).

É preciso considerar que, na sociedade contemporânea, são múltiplos os papéis exercidos pela mulher. Assim, muitas vezes não lhe foi possível exercer o papel de mãe. O presente estudo parte do pressuposto de que, nessa fase da vida, a mulher passa a apresentar sentimentos controversos em relação à escolha da não maternidade. Pressupõe-se, então, que essa mulher sem filhos, com companheiro ou não, necessita de uma atenção especializada nesse momento de vida. Portanto, é objetivo deste estudo compreender a vivência do climatério para as mulheres sem filhos.

1. METÓDOS

Um estudo descritivo, com abordagem qualitativa, realizado a partir de entrevistas com mulheres climatéricas que não tiveram filhos.

1.1 Amostra

Participaram da pesquisa dez mulheres climatéricas sem filhos, na faixa etária de 45 a 60 anos, que tinham condições psicognitivas para fornecer as informações de forma independente

1.2 Instrumentos e procedimentos de coleta de dados

Uma amostragem não probabilística foi composta por dez mulheres climatéricas sem filhos, na faixa etária definida. O estudo foi

realizado em quatro Unidades Básicas de Saúde Tradicionais e em nove Unidades da Estratégia Saúde da Família, sendo que o município onde o estudo foi realizado tem uma população de aproximadamente 230.000 habitantes e a atenção primária conta com 34 USF (Unidades de Saúde da Família) e 12 UBS (Unidades Básicas de Saúde). As unidades foram selecionadas considerando-se o número de atendimento de mulheres com faixa etária dos 45 a 60 anos. O convite para participar do estudo foi realizado no momento em que compareciam à unidade para acompanhamento, no período de maio a junho de 2015, após a aprovação do parecer do Comitê de Ética em Pesquisa. Foram excluídas as mulheres portadoras de transtornos cognitivos e/ou psiquiátricos que não pudessem fornecer informações fidedignas.

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, utilizando-se um instrumento com dados sociodemográficos e a subsequente questão norteadora: Conte-me como é vivenciar este momento de vida, sem filhos.

As entrevistas foram encerradas no momento em que houve saturação dos dados (Minayo, 2017).

1.3 Análise Estatística

Para a análise dos dados obtidos, optou-se pela técnica da análise temática, método analítico qualitativo que busca identificar, analisar e relatar padrões (temas) dentro dos dados e interpretar vários aspectos desses. Essa forma de análise permite grande flexibilidade, uma vez que o processo de codificação dos dados não é fixado *a priori*, ou seja, os temas são extraídos dos próprios dados. As fases da análise temática compreendem: 1- Familiarização com os dados; 2- Geração dos códigos iniciais; 3- Busca de temas; 4- Revisão temas; 5- Definição e nomeação dos temas e 6- Produção o relatório (Braun & Clarke, 2006).

Os preceitos éticos contidos no Conselho Nacional de Saúde foram considerados, sendo o estudo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (*Resolução n. 510*, 2016) da Universidade Estadual Paulista – UNESP - Botucatu, SP, Brasil. Às mulheres participantes foi entregue o termo de consentimento pós-informação e, como forma de garantir o seu anonimato, as entrevistas foram transcritas na íntegra, identificadas com a letra “C”, seguidas de numeração, como, por exemplo, C1, C2 sucessivamente.

2. RESULTADOS

As participantes do presente estudo foram dez mulheres na faixa etária entre 45 a 60 anos. Entre elas, cinco se declararam da cor branca, seis são solteiras e sete contam com ensino superior. Com relação ao trabalho, nove mulheres exercem atividades remuneradas, sendo a renda da família declarada de até cinco salários mínimos, e sete contam com plano de saúde suplementar. Quase a totalidade (nove) faz uso regular de medicamentos.

A análise dos dados obtidos culminou na construção de três categorias temáticas, apreendidas nas falas das mulheres climatéricas sem filhos, conforme segue: Sentimentos negativos por não serem mães, Motivos da não maternidade e Formas de compensação, conforme e ilustra a figura 1 a seguir:

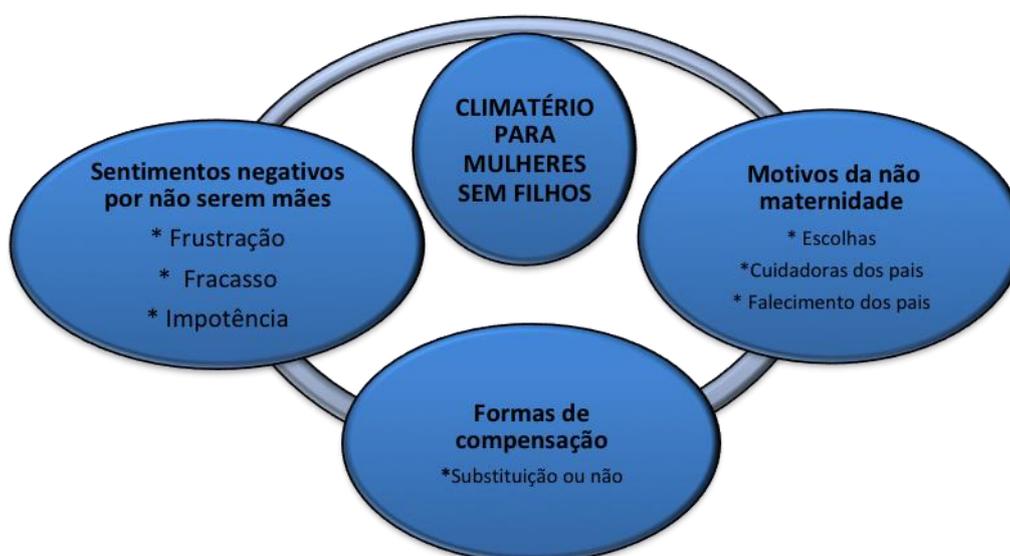


Figura 1. Mapa Temático

2.1 Sentimentos negativos por não serem mães

As mulheres relatam sentimentos de frustração, fracasso e impotência frente ao fato de não terem tido filhos. Fazem reflexões sobre a idade que têm. Almejariam ter constituído suas famílias e algumas referiram problemas reprodutivos, mesmo com a submissão a tratamentos avançados para a infertilidade, como a reprodução assistida. Admitem gostar de crianças, mas consideram que Deus não lhes permitiu tornarem-se mães. Outras mulheres reconhecem que fizeram a opção por não ter filhos por não se sentirem preparadas para cuidar de criança. Referem ainda que se a pessoa não tem condições econômicas e emocionais para se ter filhos, é mais sensato que não os tenha. Acreditam que filhos precisam de pai e mãe e não apenas de mãe. E já que não desenvolveram a maternidade, algumas se dedicam a outras atividades, como criar animais, segundo as falas a seguir:

“ [...] Tenho quase quarenta e sete. Tenho vontade de ter uma família, um companheiro. Todo mundo tem, ninguém quer ficar sozinho. Não tive filho. Nessa fase da vida, significa muito ter construído uma família, ter tido marido, filhos, porque os pais foram embora e cada um constrói a sua família. Essa fase do climatério para mim foi muito difícil, foi a concretização do meu fracasso [...]” (C5).

“[...] “... eu quis muito, fiz várias tentativas de reprodução assistida, mas já que não foi para ser, nós criamos cachorros em casa. Fizemos várias tentativas [...]” (C7)

“[...] Ah! Sempre gostei de crianças. Mas Deus não me deu. Frustração sinto [...]” (C33).

Poucas depoentes, quando veem crianças com suas mães, relatam que ser mãe é muito importante na vida. Relatam que apesar de apresentarem desenvolvimento profissional, o papel de mãe e a concepção familiar não foram renunciados.

Já as participantes que desejaram filhos apresentam ambivalência. Para algumas mulheres ser mãe é, de fato, algo esperado e magnífico. No entanto, reconhecem as dificuldades que impõe a maternidade, como responsabilidades, preocupações, problemas que advêm do crescimento e educação dos filhos como justificando a escolha feita.

Também se arrependem, nessa fase de vida, por não serem mães e relatam que, se fossem mais jovens, teriam tido seus filhos.

“Não sofro, mas me arrependo. Quando tinha uns vinte e cinco, trinta anos poderia ter tido um filho. Hoje ele poderia ser meu companheiro, acho que queria ter, sinto frustração. “Eu não vou ter isso, minha geração parou em mim”. Sempre me voltei mais para o profissional e a questão afetiva, minha questão de mulher, mãe, de constituir família ficou em 2º plano [...]” (C9).

“[...] me arrependo. Assim, se tivesse pelo menos uns vinte e cinco anos, teria tido um filho. Me sinto tranquila, porque hoje as mães não dormem tranquilas, elas estão deitadas pensando “o que meu filho tá fazendo? Tá mexendo com droga?” [...]” (C11).

Elas relatam que apresentam relações sociais limitadas. Referem que os pais ficam dependentes de cuidados ou falecem, os irmãos se afastam e as relações ficam mais escassas, dissociadas e diminuídas justo no período do climatério, quando desenvolvem maior sensibilidade e consciência. O que farão no futuro? É difícil manter-se em grupo na comunidade pelo fato de serem solteiras e não terem família. Por isso, sentem-se estigmatizadas. Esqueceram-se, em algum momento, da vida e agora sabem que a família faz falta.

“São restritas (as relações sociais). As pessoas casadas e com filhos normalmente se relacionam com pessoas casadas e com filhos. Observo isso. Tem o que conversar, há troca de experiências. Essas pessoas acham que ficam melhor. Nesse espaço, tenho dificuldades, não tenho muitas pessoas ao meu redor que são casadas e que tem filhos, mas não tenho amizade com essas pessoas a ponto de sair com elas, sair com as crianças. Não tenho, nem na minha família” (C9).

“[...] Não tenho amigos. Sempre tem aquela pessoa com quem você conversa, que você pede sugestão, mas poucas” (C9, C24, C33, C29).

“[...] Nesse momento da vida quem não casou, não constituiu sua família, sobra. Então não sei em que momento a gente se perdeu (C5).

“[...] com as minhas irmãs convivo bem. Com meu pai e minha mãe, é meio difícil. Eles são muito teimosos. [...]” (C11, C5).

“[...] Nós trabalhamos e, se não tiver uma rede social, um convívio com as pessoas, você fica absolutamente sozinha [...]” (C9).

Algumas mulheres relatam que vivenciaram momentos de enfermidade e discordâncias familiares na meia idade. Desta forma, vão em busca do autocuidado para melhoria da qualidade de vida. Interrogam-se que se não estão próximas de seus familiares, quem que cuidará delas? Irão para asilos ou clínicas habilitadas em cuidado de idosos?

"[...] Porque com 41 tive câncer de mama e foi um susto para a família" (C5).

"[...] não tenho muitos amigos, não faço muitos amigos com facilidade. Na minha família, menos ainda. Eu precisaria estar cuidando disso [...]" (C9).

"[...] se não tiver minhas irmãs vivas, vou ter que ir para um asilo. Criança é maravilhoso. Sou contra quem não tem todos os aspectos psicológico, financeiro, emocional para cuidar de seus filhos [...]" (C12).

As mulheres do presente estudo declaram que por não terem tido seus filhos, são vistas pela sociedade de forma desigual. São frequentemente questionadas sobre os motivos de não serem mães e sobre sua capacidade de reprodução. Percebem que, anteriormente, as cobranças eram mais comuns. Verbalizam que, com a modernidade, há aceitação da sociedade pelas mulheres que escolhem não ter filhos. Elas são mais valorizadas.

"[...] A sra nunca teve filho? Mas a sra é estéril?" "Ah! Não sei te dizer porque nunca tive filhos. Optei por não ter filhos." A maioria, no geral, acha muito estranho uma mulher não assumir a maternidade, não ter o desejo de filhos e não ter tido filhos" (C8, C24).

" Já está um pouco mais comum uma mulher não ter tido filhos porque não quis. Antigamente era um horror! Lembro era nova, tinha idade para ter os filhos e quase ninguém entendia isso. Agora já existe uma aceitação um pouco maior. Mesmo assim, é difícil. Se você não tem um pensamento bem formado e firme daquilo que você quer ou, no caso, não quer, acho que aí poderia abalar bem a pessoa" (C8).

As mulheres referem que necessitam fugir das cobranças e são até capazes de usar alianças para serem vistas como casadas. Trata-se de uma forma para não sofrer estigma por não terem filhos e serem solteiras. Algumas mulheres são questionadas por outras pessoas quanto à orientação sexual e relatam que sofrem *bullying*, por não serem aceitas no seu meio social.

"[...] Minha mãe cobrava muito "Não, porque você tem que ter um filho, porque tem que pensar na sua velhice, uma companhia. Está bom que você não queira casar, mas o filho é importante" (C24).

" As pessoas têm aquela cobrança, agora não mais, Mas, logo que decidi e me casei, nossa! Era aquela cobrança. E o neném? Não quero. Ninguém parece que entende você" (C11).

"[...] Sofri muito. Cheguei a comprar uma aliança para usar porque ia fazer entrevista de emprego com aliança. Falava que era noiva, ou casada, porque existia muito preconceito. Eu ficava com medo de, às vezes, não conseguir serviço "Nossa!, 40 e tantos anos e solteira?" "Essa daí é sapatona" [...]" (C29).

As mulheres refletem sobre o seu papel reprodutivo, uma vez que para muitas, o ciclo natural da vida ainda é nascer, crescer, casar e ter filhos. Reiteram que existe uma cobrança da sociedade em desenvolverem o papel de ser mãe.

"[...] Porque é muito estranho o ciclo da vida. É você nascer, crescer, casar, multiplicar, é o ciclo. Então hoje em dia é difícil você na pesquisa encontrar uma mulher ou um homem que não tenham filho. Mas difícil é quando falamos com nós - gente do céu, mas vocês não tiveram filho? Eles acham estranho [...]" (C11).

"[...] Não, nem a minha família nem a dele. Não fazem cobrança. Só respeitam a escolha (C20).

2.2 Justificativas pela não maternidade

As participantes do presente estudo tecem reflexões sobre a escolha de não serem mães. Mesmo sofrendo a perda de seus pais ou até desenvolvendo papel de cuidadoras deles neste momento de vida, verbalizam que não se arrependem pela opção da não maternidade.

"Hoje, percebo com mais clareza que talvez nunca quis ter [...]" (C20).

"[...] Acho que nunca quis ter não. Não estou preparada nessa vida para ter filho, cuidar de filho" (C29).

"[...] não tive nenhum arrependimento de não ter tido filhos, porque foi uma decisão minha. Já perdi meus pais. Ai você começa a pensar "Meu Deus, com quem que vou ficar agora? Como vai ser? Mas, não adianta. Você vai ficar se oprimindo?" (C8,C24).

"Sinto que estamos bem, como não veio filho, deixa eu cuidar disto, daquilo, seguir minha vida, mas se vier, muito bem vindo, mas também se não vier, não choro em nenhum momento, opção mesmo, não estou preparada nessa

vida para ter filho, cuidar de filho, não sinto falta, gosto de criança mas dos outros, vir aqui fazer visita aí você pega um pouquinho”(C20).

“ Sempre morei com os meus pais, sempre precisaram de ajuda, cuidando, dando atenção, vivo pra cuidar deles” (C11,C29).

“Mudei para a casa dos meus pais para cuidar deles que já estavam com uma certa idade, agora meu pai faleceu, depois minha mãe faleceu” (C 8,C21) .

As mulheres climatéricas sem filhos valorizam sua independência. Verbalizam que, quando jovens, buscaram formas de autonomia, trabalhar, sair da casa dos pais cedo com desejo de não dependerem de ninguém.

“[...] sempre gosto de fazer as coisas, gosto de ser independente. Resolver as coisas. Não gosto de estar amarrada a ninguém. Nem a filho, nem a marido. Sempre tive que me virar. Trabalhei, estudei, cuidando de mim, cuidando da família” (C29).

“Minha vida sempre foi muito tumultuada sempre autônoma, trabalhando com contrato, sempre tive uma vida muito agitada. Para me sustentar, não tem outra pessoa por mim, muita responsabilidade, muita carga, muito trabalho ao mesmo tempo, trabalho com criança, com educação. Então, tem época que, em uma semana, trabalho com 500 crianças. É muita tensão dos compromissos, do trabalho, com relação à casa (C9) ”.

2.3 Formas de compensação

As participantes do presente estudo buscam formas de substituir a ausência dos filhos, transferindo relações de afeto e amor por sobrinhos, alunos ou animais de estimação. Outras referem que não é uma substituição por animais ou sobrinhos pelo fato de não terem tido filhos, mas conseguem se tranquilizar e distrair-se por cuidarem de animais, crianças, adolescentes e estudantes.

“[...] Talvez, um bichinho de estimação [...]” (C8,C5,C20).

“[...] Tenho os estudantes, outras coisas para pensar. Me acalma e não me deixa um vazio. Não me deixa pensar que “Ah! Se tivesse tido filho seria uma pessoa, uma mulher melhor” (C9).

“[...] Tenho sobrinhos que ajudei a criar, tenho outras formas de criar, de amar os filhos dos meus amigos, os alunos, de quem acabo cuidando [...]” (C5, C12).

“[...] não é substituição, sei distinguir o que é um animal e o que é um ser humano, não tem nada a ver. Sou feliz com as flores, pra você ver que é diferente, se fosse só isso, vocêalaria é uma doença [...]” (C12, C33).

“[...] quis muito, mas já que não foi para ser, nós criamos cachorros em casa, fizemos várias tentativas [...] (C7).

“É um excesso de amor tão grande por esse sobrinho. Cuidei dele dos quatro meses até um aninho e meio (C5,C12)

3. DISCUSSÃO

Compreender a vivência do climatério para as mulheres sem filhos atendidas na rede básica de saúde permitiu-nos ampliar o conhecimento das necessidades particulares, nem sempre reconhecidas por profissionais de saúde, familiares, comunidades, pela própria mulher e executadas a partir das políticas públicas existentes para o atendimento àquelas que estão aquém de serem institucionalizadas e operacionalizadas.

Algumas participantes vivenciam problemas reprodutivos, buscam tratamento e outras não apresentam desejo pela maternidade, mas a imposição social e cultural acaba despertando nas mesmas sensações de indignação por não serem acolhidas e compreendidas nesse contexto de vida.

Um estudo problematizou como mulheres não-mães reedificam seus instintos maternos. No imaginário coletivo, a ideia de que filhos poderiam libertar mulheres da solidão foi se fortalecendo. Algumas desejaram e desejam filhos, outras optaram por vidas sem filhos, outras ainda foram conduzidas para uma vida sem filhos por ausência de casamento ou de um par afetivo. Contudo, o que fica claro em suas narrativas são as variadas formas de ser. Muitas delas afirmaram que jamais seriam capazes de “cumprir” as obrigações que o papel materno exige. A renúncia não é relativa à criança em si, mas se trata de uma recusa ao modelo de maternidade exigido. Escolher outras formas de afeto, de vida, de desejos e ter de justificar a ausência de filhos pode incomodar de maneiras diferentes, ou nem incomodar. A articulação entre maternidade e destino foi rompida, ao menos parcialmente, para a grande parte das mulheres entrevistadas (Vázquez, 2016).

Em outro estudo desenvolvido com mulheres cariocas de diferentes faixas etárias e classe social, elas declaram não terem desejado ter filhos. Na visão dessas mulheres, a figura feminina ideal é conseguir conciliar a vida profissional com trabalho. Observou-se que a identidade feminina passa por uma transição em que os modelos tradicionais (mulher-mãe e também mulher- mãe- profissional) vêm sendo transformados por outros contemporâneos em que homens e mulheres são livres para fazerem suas escolhas, sonhos, desejos e aspirações (Barbosa & Rocha-Coutinho, 2012).

As mulheres referem que gostam de sua autonomia e de seu desenvolvimento profissional. Não desejam que ninguém dependa de seus cuidados ou de sua companhia, valorizando a liberdade.

A transformação do papel da mulher na sociedade moderna pode ter resultado da independência conquistada por meio de sua atuação fora de casa. Essa autonomia conquistada levou a transformações na organização familiar. O padrão de reprodução entre as mulheres tem-se diferenciado daquela de anos anteriores, quando se casavam e tinham filhos mais precocemente. Isso pode ser justificado pelas transformações culturais, sociais e econômicas ocorridas na sociedade do Século XX (Heras Pérez, Gobernado Tejedor, Mora Cepeda, & Almaraz Gómez, 2011).

Outro estudo corroborou o adiamento da maternidade na contemporaneidade. Explicita-se que há uma crescente exigência das mulheres em relação aos seus parceiros, o que tende a dificultar a estabilidade das uniões, culminando na impossibilidade da maternidade por ultrapassarem a idade biológica de fertilidade, sem um relacionamento que enseje a concepção (Lima, 2013).

Há um estudo, ainda, com o objetivo de compreender os sentidos do climatério para as mulheres sem filhos, que evidenciou que mulheres sem filhos reconhecem os sentimentos de frustração, impotência e fracasso por não serem mães e não terem contribuído para a continuidade da geração. Abandono familiar, solidão, discriminação e redução do convívio social são manifestações presentes em suas vidas. Contudo, existem aquelas que escolhem a não maternidade, valorizando autonomia, e vida profissional apesar do instinto materno. Como forma de compensação, substituem a ausência de filhos por animais de estimação, sobrinhos ou estudantes (Mazzetto, Ferreira, Marin, & Orso, 2018).

Em contrapartida, um estudo objetivou conhecer os significados da maternidade para as adolescentes atendidas pela Estratégia de Saúde da Família (ESF). Os motivos que levaram as adolescentes à gestação foram o não uso de métodos de contracepção e o desejo pela maternidade. As modificações que ocorreram, após o nascimento do filho, expressaram novas responsabilidades e o abandono de atividades de recreação, amizades, estudo e trabalho. Quanto aos projetos futuros, elas demonstram preocupações com uma boa qualidade de vida aos filhos (Torres et al., 2018).

No presente estudo, as participantes relatam que se arrependem pelo fato de não terem tido filhos, mas ao mesmo tempo, observam que ter filho nesta época dá muito trabalho, preocupações além de um alto custo financeiro.

Um estudo sobre a representação de maternidade para mulheres não mães por opção evidencia que um filho seria mais uma responsabilidade entre tantas que a mulher é obrigada a assumir socialmente. Refletem acerca da concepção social de mulher igual à mãe, colocando a maternidade como destino pela condição biológica de ter nascido mulher (Patias & Buaes, 2012).

Um estudo comprovou que, na sociedade atual, há exigência, tanto externa quanto interna, de que a mulher estude, trabalhe, progrida profissionalmente e seja autônoma. Essa sobrecarga de trabalho não acontece sem que haja perdas. A falta de tempo e de cuidados em relação à saúde são alguns dos prejuízos que ocorrem em função da excessiva dedicação ao trabalho. Desta forma, percebe-se a fonte de satisfação pessoal e financeira, diferente do esperado da mulher dos séculos XIX e XX, quando seu papel restringia-se ser boa mãe e esposa (Lopes, Dellazzana-Zanon, & Boeckel, 2014).

As mulheres do presente estudo, pelo fato de não serem mães, admitem que tem sofrido cobranças em seu trabalho, família, amigos e vizinhos. São consideradas diferentes, discriminadas como inférteis e até homoafetivas.

Em estudo com o objetivo de percorrer as vivências da atenção perinatal de usuárias lésbicas na região metropolitana do Chile em 2016, observaram-se vivências positivas das mulheres lésbicas acerca de seus processos de gestação, parto e puerpério, recebendo elas um tratamento de acolhimento e sem discriminação dos prestadores de saúde. Existe aceitação dos profissionais da saúde em relação às famílias homossexuais e à visibilidade da homossexualidade. O empoderamento e a autoestima das usuárias favorecem o relacionamento médico-paciente. Porém, as alternativas para atingir a maternidade não são acessíveis para toda a população, devido a seu alto custo (Videla & Muñoz, 2018).

Os papéis sociais de homens e mulheres em relação à concepção e atenção com os filhos modificam-se ao longo da história e do desenvolvimento socioeconômico dos grupos sociais. A maternidade já teve diferentes valores sociais. Hoje pode ser desvalorizada, se refletirmos sobre o fato de haver mães que dão à luz os filhos e depois os entregam aos cuidados de outras pessoas (Gradwohl, Osis, & Makuch, 2014).

Com o objetivo de investigar os múltiplos papéis exercidos pelas mulheres contemporâneas e a relação dessa multiplicidade com a maternidade tardia, a pesquisa revelou três temas: multiplicidades de papéis da mulher contemporânea, reflexões sobre a maternidade e maternidade tardia versus rotina atual. As mulheres exercem excesso de papéis, porém ficam felizes por assumirem tantas responsabilidades. Por um outro lado, apesar de desejarem a maternidade tardia, apresentam sentimentos de medo, insegurança e ambivalência pela escolha (Lopes, Rellazzana-Zanon & Boeckel, 2014).

No presente estudo, as mulheres climatéricas sem filhos, muitas vezes, são cuidadoras de seus pais, ou sobrinhos e até mesmo de animais de estimação. Observamos que essas mulheres cuidam de seus familiares pelo fato de eles serem dependentes delas e também por não possuírem outra opção de vida.

Um estudo objetivou caracterizar sociodemograficamente os idosos cuidadores da pessoa idosa no domicílio e apreender os motivos que os levaram à prestação desse cuidado. Os motivos para cuidar associaram-se à falta de opção; laço estabelecido entre o cuidador e a pessoa idosa; ausência de condições financeiras para contratar cuidador. Evidenciou-se que as idosas cuidadoras apresentaram perfil sociodemográfico esperado de mulheres, esposas, com baixo nível de escolaridade e renda (Almeida, Menezes, Freitas, & Pedreira, 2018).

Na década de 1970, casar-se e ter filhos era uma condição “natural”. Contudo, quando as mulheres passaram a garantir sua fecundidade e a protagonizar seus percursos reprodutivos, ter filhos já não fazia mais parte do papel social. Ocorreu, então, um declínio da fertilidade pela argumentação das mulheres que exerciam o trabalho fora de casa, pela diversificação do modo de vida feminino. Surge, então, um novo modelo de casal sem filhos, ou da mulher solteira sem filhos. Assim, tornar-se mãe deixou de ser uma questão de negócios ou de destino. Dessa maneira, as mulheres passaram a perceber a mudança, tendo em vista que novos significados emergiram do que é ser mãe (Badinter, 2011).

Alguns estudos mostram que, apesar das transformações nas concepções e práticas da infertilidade, a condição de infértil tem-se constituído um problema para as mulheres, atravessando séculos de histórias e rompendo limites geográficos e culturais (Del Priore, 2001).

Um estudo confirma que entre os motivos apontados por mulheres, associados à vivência de não ser mãe, a carreira profissional é indicada como o principal motivo. Constatou-se, como decorrência dessa opção, que essas mulheres têm sofrido pressões da sociedade, pressões que culminam em ambivalência dos seus sentimentos. Ressalta-se a característica de todas terem vivenciado relacionamentos amorosos conflituosos no percurso de suas vidas. Por outro lado, elas declaram contar com expressiva rede social de apoio (Fidelis & Mosmann, 2013). As limitações do estudo estão relacionadas à abordagem qualitativa que restringe a generalização dos resultados. E também há limitação da literatura atualizada que aborde essa temática.

CONCLUSÕES

A compreensão da vivência do climatério, apresentada pelas mulheres sem filhos e atendidas na rede básica de saúde, permitiu reconhecer os sentimentos de frustração, impotência e fracasso pelo fato de não serem mães. A limitação de relações familiares e solidão assim como a estigmatização e o encolhimento social são aspectos referidos por elas na meia idade. Realizaram a escolha de não ter filhos, privilegiando a liberdade e vida profissional e, na fase madura, apresentam formas de compensação na vida por não serem mães, substituindo a ausência de filhos por sobrinhos, estudantes, animais e também desenvolvendo papel de cuidadoras de seus pais ou familiares. Com relação a desenvolver vários papéis sociais, inclusive a maternidade, longevidade, bem estar, aspecto emocional e atividades laborais e de convivência, são situações que devem ser olhadas com cuidado e acolhimento pela equipe de saúde qualificada e por ela mesma em busca de uma vida mais saudável. A construção de uma boa velhice necessita de ambiente acolhedor e especializado, que auxilie o idoso no processo de reformulação da vida, no enfrentamento de limitações e na estruturação de projetos. Nesse momento, a desmistificação do climatério pelos profissionais de saúde e comunidade é de extrema importância.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, L. P. B., Menezes, T. M. O., Freitas, A. V. S., & Pedreira, L. C. (2018). Características sociais e demográficas de idosos cuidadores e motivos para cuidar da pessoa idosa em domicílio. [Social and demographic characteristics of elderly caregivers and reasons to care for elderly people at home]. *REME revista mineira de enfermagem*, 22, e-1074.
- Badinter, E. (2011). *O conflito, a mulher e a mãe*. Rio de Janeiro: Record.
- Barbosa, P. Z., & Rocha-Coutinho, M. L. (2012). Being a woman nowadays: the perception of women who do not want to have children. *Psicologia & Sociedade*, 24(3), 577-587.
- Brasil. (2008). *Manual de atenção à mulher no climatério / menopausa*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. doi:10.1191/1478088706qp063oa
- Cardoso, M. R., & Camargo, M. J. G. (2015). Percepções sobre as mudanças nas atividades cotidianas e nos papéis ocupacionais de mulheres no climatério. [Perceptions on daily activities changes and occupational roles of women in climacteric stage]. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, 23(3), 553-569.
- Del Priore, M. (2001). Magia e medicina na colônia: o corpo feminino. In M. Del Priore & C. Bassanezi (Eds.), *História das mulheres no Brasil* (pp. 78-114). São Paulo: Contexto.
- Fidelis, D. Q., & Mosmann, C. P. (2013). A não maternidade na contemporaneidade: um estudo com mulheres sem filhos acima dos 45 anos. *Aletheia*(42), 122-135.

- Gomes, A. V. M., Costa Silva, D. R., Franco de Sá, M. A. A., & Oliveira, M. C. B. (2017). Políticas públicas de atenção á saúde da mulher: uma revisão integrativa. *Revista Interdisciplinar Ciências e Saúde*, 4(1), 26-35.
- Gradwohl, S. M. O., Osis, M. J. D., & Makuch, M. Y. (2014). Maternidade e formas de maternagem desde á Idade Média á atualidade. *Pensando Famílias*, 18(1), 55-62.
- Heras Pérez, B., Gobernado Tejedor, J., Mora Cepeda, P., & Almaraz Gómez, A. (2011). La edad materna como factor de riesgo obstétrico. Resultados perinatales en gestantes de edad avanzada. *Progresos de Obstetricia y Ginecología*, 54(11), 575-580. doi:10.1016/j.pog.2011.06.012
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2011). Sinopse do Censo demográfico 2010. Retrieved from <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/sinopse.pdf>
- Lima, M. G. R. (2013). *Filho? Só depois! Um retrato da mulher contemporânea*. São Paulo: Zagodoni.
- Lopes, M. N., Dellazzana-Zanon, L. L., & Boeckel, M. G. (2014). A multiplicidade de papéis da mulher contemporânea e a maternidade tardia. *Temas em Psicologia*, 22(4), 917-928.
- Lorenzi, D. R. S., Catan, L. B., Moreira, K., & Ártico, G. R. (2009). Assistência à mulher climatérica: novos paradigmas. *Rev Bras Enferm*, 62(2), 287-293.
- Mazzetto, F. M. C., Ferreira, M. L. S. M., Marin, M. J. S., & Orso, L. F. (2018). *Os sentidos do climatério para as mulheres sem filhos*. Paper presented at the 7º Congresso Ibero Americano de Investigação Qualitativa, Fortaleza.
- Minayo, M. C. S. (2017). Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 5(7), 1-12.
- Organização das Nações Unidas. (2014). Mundo terá 2 bilhões de idosos em 2050; OMS diz que 'envelhecer bem deve ser prioridade global'. Retrieved from <https://nacoesunidas.org/mundo-tera-2-bilhoes-de-idosos-em-2050-oms-diz-que-envelhecer-bem-deve-ser-prioridade-global/>
- Patias, N. D., & Buaes, C. S. (2012). "Tem que ser uma escolha da mulher"!representações de maternidade em mulheres não-mães por opção. *Psicologia & Sociedade*, 24(2), 300-306.
- Resolução n. 510. (2016). Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, na forma definida nesta Resolução. Brasília: Diário Oficial da União.
- Silva Filho, E. A., & Costa, A. M. (2008). Avaliação da qualidade de vida de mulheres no climatério atendidas em hospital-escola na cidade do Recife, Brasil. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, 30(3), 113-120.
- Torres, J. D., Paula Ribeiro, V., Torres, S. A. S., Vieira, G. D., Paula, R., Barbosa, G. P., . . . Teles, M. A. B. (2018). The motherhood meanings for adolescents assisted by the family health strategy. *Journal of Research Fundamental Care*, 10(4), 1008-1013.
- Videla, C. F., & Muñoz, A. V. (2018). Vivencias de usuarias lesbianas sobre el proceso de atención perinatal en la región metropolitana, Chile en 2016. *Interface (Botucatu)*, 22(66), 777-787.
- Vázquez, G. G. H. (2016). Memórias de uma ausência: mulheres sem filhos e suas narrativas sobre maternidade no Paraná do século XX. *Revista de História Regional*, 21(2), 338-363.